

## / PALAVRA DO LEITOR

## Contas Públicas

Após quatro anos registrando superávit, o governo do Rio Grande do Sul projeta déficit de R\$ 3,8 bilhões em 2026 (Jornal do Comércio, edição de 16/9/2025). As privatizações encheram o caixa do governo do Estado. A dívida foi prorrogada para pagar a máquina pública, mas quase não foram feitos investimentos em infraestrutura, saúde, educação e segurança. Sou favorável à privatização, desde que os recursos sejam bem aplicados e resultem em investimentos. (André Heller)



## Contas Públicas II

Na minha opinião, o superávit foi devido à venda de estatais, e não por saneamento das contas. (Augusto Bilhalva)

## Contas Públicas III

Enquanto isso, os servidores públicos do Rio Grande do Sul vão ficar mais uma vez sem reajuste salarial. (Ermaci Lucrecio)

## Assembleia da ONU

Faltando cerca de uma semana para a Assembleia-Geral da ONU em Nova York, Itamaraty não recebeu vistos para toda a delegação (JC, 15/9/2025). Não faz sentido que uma das sedes da ONU seja nos Estados Unidos. A assembleia deveria acontecer em Genebra, Nairobi ou Viena, que também têm escritórios da organização, e não em um país que fomenta conflitos. (Luiz Dallo)

## Acampamento Farroupilha

Moradores das proximidades do Parque Harmonia, onde ocorre o Acampamento Farroupilha, em Porto Alegre, têm relatado som alto à noite (JC, edição de 15/09/2025). O Acampamento Farroupilha dura cerca de 15 dias, uma vez por ano. Não entendo por que reclamam. (Gabriela Lima)

## Acampamento Farroupilha II

A cidade precisa ter muitos eventos. Ruas vazias, sem pessoas circulando, são perigosas. (Lucianne Leão Freire)

## Acampamento Farroupilha III

Os grandes eventos devem ser transferidos para o Porto Seco, afinal, foi construído com esse objetivo. No local há espaço para a realização do Acampamento Farroupilha, shows e desfiles. (Leticia Brum)

## Festival Gaúchos

O Festival Gaúchos exalta a cultura do Rio Grande do Sul em Gramado (JC, 13/9/2025). O evento está muito lindo. Certamente o Festival Gaúchos está encantando os turistas de Gramado e claro, os gaúchos. (Mel Hugentobler)

Na coluna Palavra do Leitor, os textos devem ter, no máximo, 500 caracteres, podendo ser sintetizados. Os artigos, no máximo, 2300 caracteres, com espaço. Os artigos e cartas publicados com assinatura neste jornal são de responsabilidade dos autores e não traduzem a opinião do jornal. A sua divulgação, dentro da possibilidade do espaço disponível, obedece ao propósito de estimular o debate de interesse da sociedade e o de refletir as diversas tendências.

## / ARTIGOS

## Cerveja é emprego, tradição e inovação

Covatti Filho

Mais do que uma bebida, a cerveja é parte da nossa cultura. Ela acompanha encontros, celebrações e momentos que marcam a vida das pessoas. Por trás de cada copo, há uma longa cadeia produtiva que começa no campo, passa pela indústria, chega aos bares e supermercados, e gera renda para milhões de brasileiros. No Rio Grande do Sul, esse elo entre tradição e economia é ainda mais forte: lideramos o País em densidade de cervejarias, e cada fábrica representa empregos, oportunidades e inovação.

A cadeia cervejeira movimentada cerca de 2% do PIB nacional, arrecada mais de R\$ 50 bilhões anuais em impostos e gera aproximadamente 2,5 milhões de postos de trabalho diretos, indiretos e induzidos. Em 2024, mesmo diante de um cenário econômico mais lento e das enchentes históricas, nosso Estado cresceu de 335 para 349 cervejarias, mantendo a maior densidade do País – uma para cada 32,1 mil habitantes – e com 17 municípios gaúchos entre os 25 com maior presença relativa desses negócios no Brasil.

O setor mostra capacidade de adaptação, seja pelo avanço expressivo das cervejas sem álcool, que cresceram 536,9% entre 2023 e 2024, seja pelo recorde nas exportações, que alcançaram US\$ 204 milhões, com presença em 79 países. A produção nacional declarada chegou a 15,34 bilhões de litros, praticamente estável frente ao ano anterior, mesmo em um contexto desafiador.

## Mudanças climáticas e desigualdade social

Eric Fernando Boeck Daza

A cada temporada de chuvas fortes, as inundações nas periferias urbanas revelam mais que perdas materiais: para muitos, trata-se da própria sobrevivência. Nessas áreas, historicamente negligenciadas pelas políticas públicas, concentram-se os maiores impactos. O problema, porém, não é isolado: é global e recai com força sobre os mais vulneráveis do Sul Global.

A falta de políticas públicas e apoio governamental aprofunda desigualdades

as inundações não são apenas um problema ambiental, mas uma fonte de perdas irreparáveis e luto. Nessas comunidades, adaptar-se às mudanças climáticas é um luxo inalcançável. Longe da atenção da mídia e dos debates, são justamente os mais pobres que ocupam a linha de frente da emergência climática.

A definição da ONU ajuda a entender o problema: áreas vulneráveis são aquelas sem mo-

A cadeia produtiva da cerveja é uma engrenagem que movimenta desde a agricultura de insumos e a indústria até os setores de serviços, turismo e comércio, gerando empregos e renda para centenas de municípios gaúchos. Desde 2020, o segmento recebeu mais de R\$ 17,5 bilhões em investimentos, voltados principalmente para tecnologia, expansão de capacidade e modernização das plantas fabris.

Reconhecer a relevância desse segmento não significa ignorar que o consumo de álcool deve ser moderado e responsável. Mas é preciso superar preconceitos contra uma atividade que gera trabalho, fomenta o turismo, fortalece comunidades e carrega parte da identidade regional.

Com a Frente Parlamentar Mista da Cadeia Produtiva da Cerveja, a qual tenho a honra de presidir, trabalharemos para garantir um ambiente regulatório e tributário que estimule investimentos, proteja empregos e valorize especialmente as pequenas e médias cervejarias que fazem do Rio Grande do Sul uma referência nacional e internacional.

Deputado federal (Progressistas) e presidente da Frente Parlamentar Mista da Cadeia Produtiva da Cerveja

É preciso superar preconceitos contra uma atividade que gera trabalho e fomenta o turismo

radia digna, saneamento, água potável e, muitas vezes, sem segurança de posse. Nessas condições, desastres naturais têm efeitos ainda mais letais. As casas, erguidas sem planejamento, ocupam encostas e margens de rios. Sem drenagem ou infraestrutura, ruas viram rios, casas desabam e famílias ficam isoladas, privadas de saúde e educação. O mais trágico: não há alternativa. Os territórios mais baratos são também os mais perigosos, e viver neles não é escolha, mas imposição econômica.

A falta de políticas públicas e apoio governamental aprofunda desigualdades e inviabiliza qualquer adaptação climática. Além da destruição material, há a interrupção de serviços essenciais, agravando a exclusão. A perda de bens pessoais é apenas a face visível de uma crise muito maior.

O Brasil precisa adotar uma abordagem inclusiva, investindo em infraestrutura resiliente, moradias seguras e soluções financeiramente viáveis para realocar famílias em áreas protegidas. Adaptar-se não é luxo, mas necessidade urgente e imperativo moral.

A adaptação deve ser prioridade e parte de uma agenda de justiça climática. Agir com urgência é obrigação de qualquer sociedade que se pretenda justa. A transição só será verdadeiramente justa se garantir que ninguém fique para trás.

Especialista em energia e mudanças climáticas